

21/04/2012

**Energia** - Nos dias 24 e 25 de abril, o Instituto para o Desenvolvimento de Energias Alternativas na América Latina (Ideal) promove o Seminário Energia + Limpa: conhecimento, sustentabilidade e integração. O evento acontece no Centro de Eventos da UFSC. Informações: [www.institutoideal.org.br](http://www.institutoideal.org.br)

Diário Catarinense-Serviço

### Selo Solar

O lançamento do Selo Solar, iniciativa do Instituto Ideal, da Capital, em parceria com a Câmara de Comercialização de Energia (CCEE), será terça, no seminário Energia + Limpa, na UFSC.

Diário Catarinense-Estela Benetti

### Revolução

Foram definidas as datas para a realização dos fóruns de planejamento para a nova gestão da UFSC (2012-2016). São nove sessões temáticas, programadas para os dias 2, 3 e 4 de maio, no auditório do Centro de Cultura e Eventos.

O objetivo é apresentar para a comunidade universitária a síntese do diagnóstico realizado pela equipe de transição, para, após discussão crítica e propositiva do público, avançar na construção de diretrizes e na elaboração de políticas para a próxima administração.

No dia 10, tomam posse na reitoria as professoras Roselane Neckel e Lúcia Pacheco, na primeira vitória da oposição em 50 anos da Universidade Federal.

A Notícia-Canal Aberto

### Vamos marchar!

Será neste sábado, a partir das 16h, do trapiche até o Koxixo's da Beira-Mar Norte, a Marcha Contra a Corrupção, o Dia do Basta! Esta marcha é mais uma das que já vinham acontecendo no ano passado em cada feriado do segundo semestre e que, embora inicialmente tímida, teve crescente aumento a cada nova realização. Foram cem pessoas na primeira, no dia 7 de setembro, e no dia 15 de novembro, na UFSC, já eram mais de 1,4 mil pessoas da sociedade civil!

A marcha tem o apoio e realização de fortes instituições, como a Udesc, o MP/SC, o TCU e a Maçonaria. E é apartidária!

Diário Catarinense-Cacau Menezes

|Evento|

# Para aprender e dançar

Semana de Dança da UFSC traz Martin Kravitz amanhã e segunda-feira

Começa amanhã, e segue até a próxima sexta-feira a Semana de Dança da UFSC. Para dar início aos trabalhos, o bailarino, coreógrafo e professor de dança contemporânea Martin Kravitz dará workshop gratuito amanhã e segunda-feira, acompanhado da bailarina Fabíola Biasoli.

workshop Movimento/Voz/Criação, ministrado por Fabíola e Martin é permitir aos participantes a exploração das possibilidades de expressão da voz e do movimento utilizando-os como ferramentas úteis ao processo de criação. As aulas incluem um ateliê de experiência ao movimento (dança): o nível técnico do trabalho corporal é flexível (e será adaptado em função do nível dos participantes). A integração de uma respiração natural ao movimento será o ponto forte da atividade.

**N**ascido nos Estados Unidos, Martin reside atualmente na França. Trabalhou como professor no Conservatório Nacional Superior de Paris e na Universidade Paris VIII. Atuou como professor de dança das companhias europeias de Angelin Preljocaj, Jean-Claude Gallotta e Rui Horta. Ensinou também em diferentes escolas e projetos na Europa Ocidental, Turquia, África do Norte, Rússia, Japão e China. Como bailarino solista atuou em criações como Odd Jobs at Unusual Hours e Dans l'Attente d'un Sign.

O objetivo do trabalho do Na terça-feira haverá a conferência Uma Vida na Dança: pontes Artísticas entre Epocas e Continentes, também com o bailarino Martin. Com tradução simultânea e recursos multimedíada, a conferência ocorrerá no auditório do Centro de Ciências da Educação, que tem capacidade para 80 lugares. A palestra terá uma introdução sobre sua experiência em dança; principais influências artísticas; história profissional. As inscrições para a oficina já estão encerradas. Informações: [www.secarte.ufsc.br](http://www.secarte.ufsc.br).



Martin Kravitz dá workshop acompanhado da bailarina Fabíola Biasoli

## Reportagem Especial



Do projeto da UFSC na Via Expressa, existe apenas uma placa

# BAÍA SUL DA CAPITAL Área desperdiçada



Aterros no Centro da cidade e no Sul da Ilha ainda estão longe de ter uma ocupação ideal. Enquanto as comunidades do entorno sofrem com a falta de áreas de lazer, cultura e educação, terrenos gigantescos são tomados pelo mato e estruturas precárias. Projetos existem, mas esbarram na burocracia da própria prefeitura

diario.com.br

> Galeria de fotos antigas e recentes dos dois aterros da Baía Sul, na Capital

ÂNGELA BASTOS

Os aterros da Baía Sul, especialmente o da Via Expressa Sul, em Florianópolis, são pedaços de terra perdidos. A área de 1,2 milhão de metros quadrados criada para fazer a via, inaugurada há 15 anos, é pouco aproveitada. São vários os projetos, mas não decolam.

Os planos para o terreno da União, considerado Área Verde de Lazer (AVL) pelo Plano Diretor, esbarram na legislação. Enquanto isso, moradores carecem de lugares com maior infraestrutura para a prática de atividades esportivas, culturais e de lazer.

Conforme a superintendente da Delegacia do Patrimônio da União em Santa Catarina (SPU), Isolda Espindola, quatro áreas foram cedidas recentemente. O problema é que, apesar da União ser a "dona" da terra, é o município quem determina o que pode ou não se fazer. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por exemplo, recebeu terreno para erguer o Parque da Ciência; a prefeitura de Florianópolis, um local para construir uma creche; além dos espaços repassados à Secretaria de Educação e ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Há, ainda, pedidos de cessão para o Instituto Federal e Corpo de Bombeiros.

Os beneficiados recebem prazo entre dois e cinco anos para concluir as edificações. Mas existem casos de perda da área, como ocorreu com a prefeitura, que tinha recebido uma para erguer a Cidade da Terceira Idade.

O erguimento de um novo prédio do ICMBio foi embargado pela Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, em maio do ano passado. Em fevereiro, a obra da Escola Estadual Júlio da Costa Neves foi embargada por falta de autorização da prefeitura. É necessária mudança do zoneamento de AVL para Área Comunitária Institucional (ACI).

Para tentar solucionar impasses dessa ordem e impedir que novas situações sejam criadas, a superintendente da SPU pretende, dentro de 15 dias, reunir-se com representantes do Ministério Público, prefeitura, universidade e partes interessadas na ocupação da área da Via Expressa.

– Temos boa vontade em ajudar a cidade e atender às comunidades, mas existem impedimentos legais que não dependem da gente.

Enquanto isso, os moradores tentam aproveitar a área do jeito que podem. Maury Vitor de Souza, que participa da Associação dos Moradores da Caieira do Saco dos Limões, conta que há espaço para esportes, mas falta estrutura.

– O lugar é bom, temos uma pista para caminhada e ciclovia. Mas, à noite, acredito que por falta de iluminação, a pessoa fique um pouco exposta – diz.

Uma mostra do descaso é a academia de ginástica ao ar livre que existe no local, e que o mato tomou conta.

Para o aposentado Rogério Marcos de Lima, a área é uma das mais bonitas da cidade e podia ser melhor aproveitada:

– Não fizeram a Beira-Mar Norte? Não é bonita? A cidade está perdendo uma área que podia ser melhor usada.

angela.bastos@diario.com.br



DANIEL ONZIVIS

Sem manutenção, mato invade academia

## Três projetos emperrados

Três grandes projetos querem transformar os aterros da Baía Sul em áreas mais úteis para as comunidades. Há 14 meses, a UFSC aguarda por resposta da prefeitura para dar início à construção do Parque Viva a Ciência, de acordo com Débora Peres Menezes, pró-reitora de Pesquisa e Extensão.

– Estamos com dinheiro para iniciar.

De acordo com o Plano Diretor, os lotes cedidos à UFSC estão caracterizados como Área Verde de Lazer (AVL). Tramita na Câmara de Vereadores a solicitação de alteração de zoneamento para Área Comunitária Institucional (ACI). A solicitação é de outubro de 2010, mas só em 17 de outubro de 2011 começou a ser discutida. A UFSC decidiu recorrer ao Ministério Público Federal.

– Nossa expectativa é que o Ministério Público force o Ipuaf a nos dar uma resposta – conta a pró-reitora.

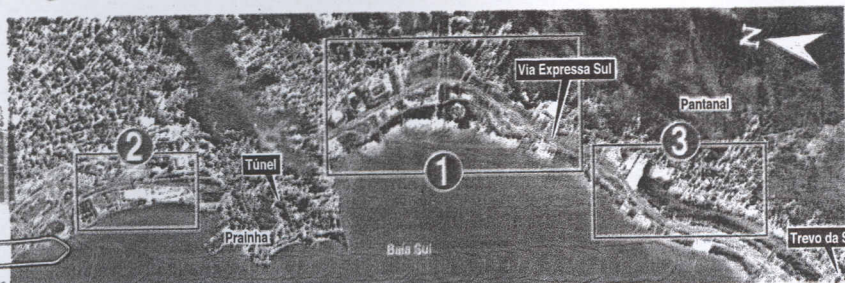
Outro projeto previsto para o aterro da Via Expressa Sul é a Cidade do Samba, idealizado pela Liga das Escolas de Samba (Liesf), um complexo turístico voltado à cultura, com atividades ao

longo do ano. Além disso, área gastronômica, espaço para cursos profissionalizantes e apresentações musicais. A Liesf não definiu os valores, mas acredita que a obra possa ser executada em parceria entre empresas e poder público.

O terceiro grande projeto tem como foco o aterro que fica no Centro da cidade. É o Parque Urbano da Baía Sul, para as comunidades do Mocotó e do Maciço Central, carentes de áreas de lazer, culturais e esportivas. Pelo que foi traçado pelo arquiteto e urbanista Leonardo Silva Rodrigues, haverá uma concha acústica para apresentações musicais e teatrais, além de um novo trapiche e instalação de quiosques. Também está prevista uma ciclovia, margeando toda a orla, iniciando às margens da Avenida Gustavo Richard até o semáforo da Rua Silva Jardim.

– A ideia é revitalizar a piscina que já existe no local, recebendo maior estrutura para funcionar adequadamente, e viabilizar projetos sociais de atendimento para as comunidades inseridas – diz o arquiteto.

**As grandes obras previstas para a região**



**1 PARQUE VIVA A CIÊNCIA-UFSC**

Anúncio: setembro de 2007

Projeto: construção e manutenção de um museu de ciências e planetário com cerca de 5 mil metros quadrados

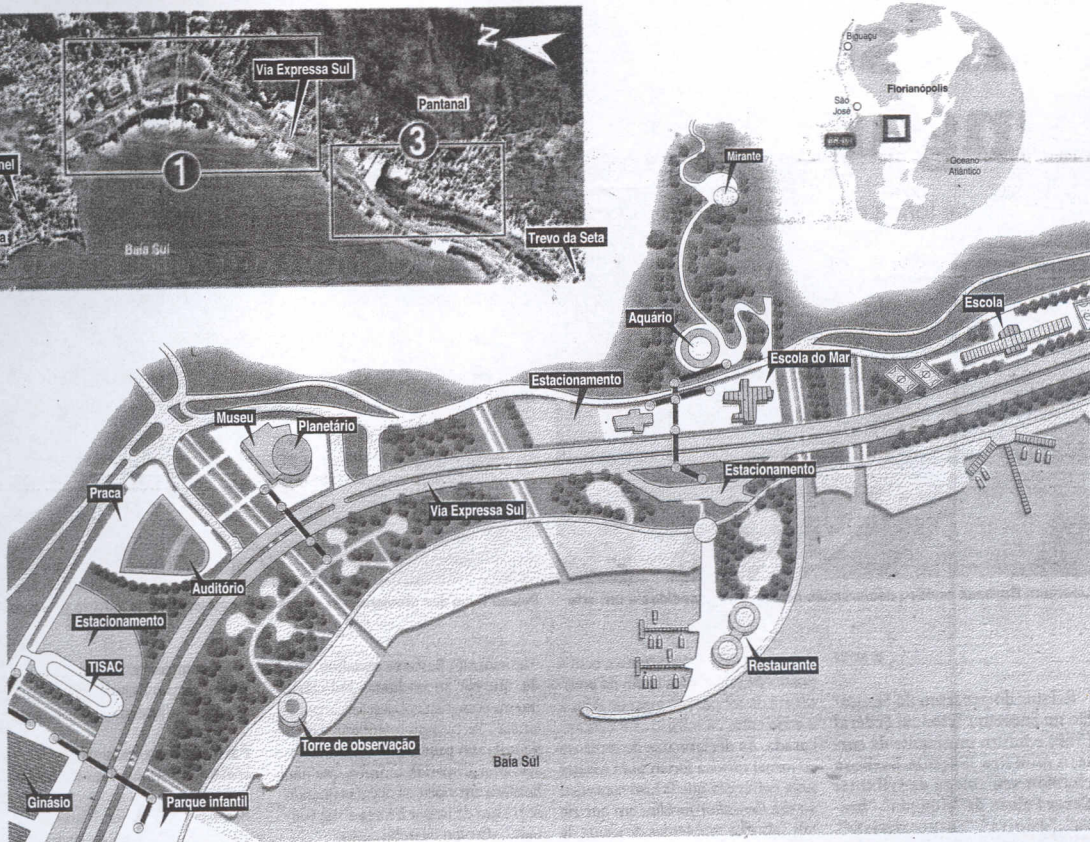
Onde: entre o Terminal Urbano do Saco dos Limões e o Armazém Vieira

Estrutura: pista para caminhada, ciclovia, praças de esporte e lazer, tratamento paisagístico do local, restaurante, estacionamento

Valor: o caixa para começar a obra contava, em 2011, com R\$ 2,5 milhões, de recursos dos governos federal e estadual e de órgãos de fomento. A estimativa é que sejam necessários R\$ 20 milhões para toda a obra

Funcionamento: obra multifuncional, construída e gerida a partir de parcerias entre diferentes segmentos do Estado, da iniciativa privada e de organizações não governamentais voltadas à cidadania e à população

Situação atual: depende de liberação do Ipu



**2 PARQUE URBANO DA BAÍA SUL**

Anúncio: audiência pública em abril de 2012

Projeto: transformação da área próxima da Passarela do Samba Nego Quirido

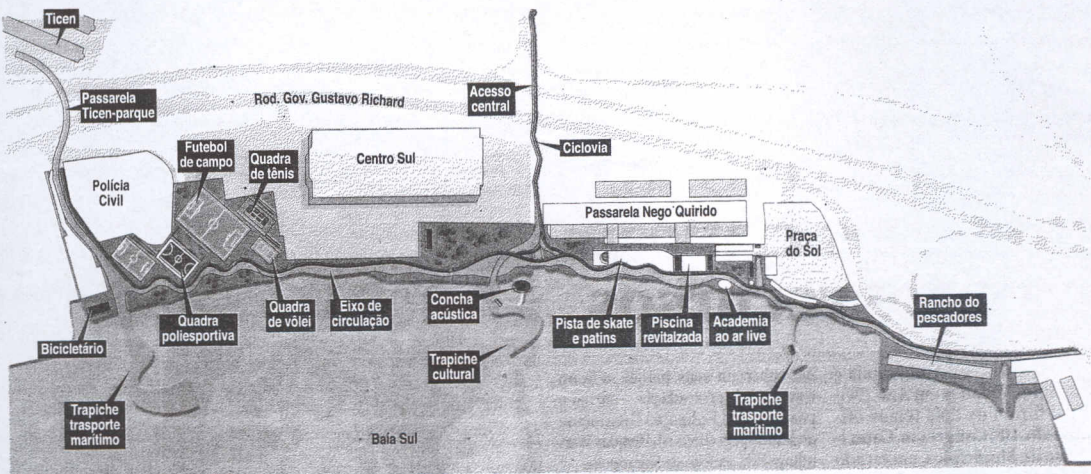
Onde: faixa da orla entre a ETA da Casan, à margem da Avenida Gustavo Richard, até os ranchos dos pescadores

Estrutura: quadra de vôlei de areia, campo de futebol de areia, quadra poliesportiva, campo de futebol gramado, bebedouros, banheiros, vestiários, rampa para skate, patins, academia ao ar livre, revitalização da piscina existente, concha acústica, trapiche, quiosques, parquinho para crianças

Valor: não estimulado

Recursos: parceria entre governo do Estado e federal

Situação atual: depende de cessão pela Secretária do Patrimônio da União



**3 CIDADE DO SAMBA**

Anúncio: fevereiro de 2012 pela diretoria da Liga das Escolas de Samba de Florianópolis

Projeto: pavilhões, museu, restaurantes, praça de eventos, espaço para oficinas, calçadão, deque, marina

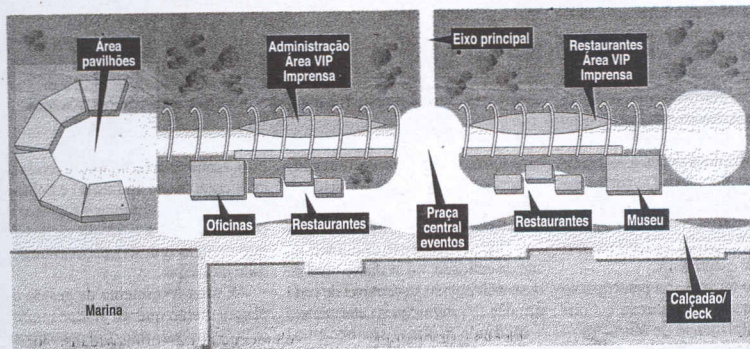
Onde: Rodovia Aderbal Ramos da Silva, próximo de onde foi o show de Roberto Carlos

Estrutura: empreendimento voltado à cultura

Valor: não divulgado

Recursos: participação público e privada

Situação atual: não protocolado no SPU



PROJETO ANTIGO, QUE FOI SUBSTITUÍDO

**CIDADE DO SAMBA**

Anúncio: assinada a autorização para início do processo licitatório em 30 de junho de 2008

Projeto: galpão de 1.950 metros quadrados e quatro andares para cada escola. Prédio térreo com recepção, sanitários, vestiário, almoxarifado e área livre de 870 metros quadrados para acomodar os carros alegóricos. Espaço para escritórios sala de reunião, mezaninos. Cada galpão terá acesso independente e será equipado com elevadores de carga.

Onde: em 12.240 metros quadrados próximos da atual passarela

Valor: custo total do projeto de R\$ 14 milhões

Situação atual: não foi executado



DIVULGAÇÃO/ND

**Benedeiras.** Longa conta a história de Malu, que na Costa da Lagoa conhece um lado sobrenatural

# “A Antropóloga” de volta às origens

**Costa da Lagoa.** Filme de Zeca Pires retorna à comunidade com exibição

**FLORIANÓPOLIS** — De volta ao local onde foi rodado, o longa “A Antropóloga” será exibido neste sábado na Costa da Lagoa, como parte da programação itinerante do Cine Ieda Beck. A exibição contará com a presença do diretor Zeca Pires e membros da equipe técnica e elenco. Aqueles que forem até a Costa da Lagoa para assistir ao filme, poderão pegar o barco de volta ao centrinho da Lagoa às 23h, pago pela produção.

“A Antropóloga” conta a trajetória de Malu na comunidade da Costa da Lagoa, onde ela realiza sua pesquisa de doutorado sobre etnobotânica. Lá, através da dona Ritinha, ela começa a conhecer a cultura mística mantida pelos descendentes de açorianos. Ao acompanhar o tratamento ministrado

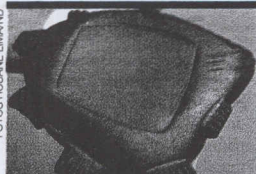
por dona Ritinha a Carolina, filha do médico, Malu entra em contato com o sobrenatural e começa a questionar o ceticismo científico ao qual era fiel.

Segundo o diretor, a exibição para a comunidade é uma das contrapartidas pela recepção que a equipe teve ao fazer o filme. Mas, além disso, esse é mais um olhar antropológico sobre a obra. “Tenho certeza de que vai ser um momento muito importante para nós e que a gente vai aprender ainda um pouco mais de tudo que aprendemos fazendo o filme”, diz Zeca. A Costa da Lagoa é o local de residência do ator Severo Cruz, que faz o papel do Velho Delano no filme, e que teve sua casa incendiada no início do ano. Durante a exibição, serão aceitas doações para o ator.



- **O quê:** Exibição de A Antropóloga, de Zeca Pires, pelo Cine Ieda Beck
- **Quando:** 21/4, 17h e 20h
- **Onde:** Salão Paroquial, Ponto 16, Costa da Lagoa, Florianópolis
- **Quanto:** Gratuito

FOTOS ROSANE LIMAND



Na reserva. Exemplar muito antigo



Amazônia. Peças dos índios ticuna



Contraste. A sede antiga do museu, marco da fazenda Assis Brasil, e o prédio novo, na parte de trás do terreno



Peça valiosa. Torso confeccionado em pedra

# Revelações do passado

**Finalmente! Museu da UFSC já pode mostrar a épica saga do homem catarinense**

PAULO CLÓVIS SCHMITZ

pc@noticiasdodia.com.br

@pc\_ND

É possível que boa parte da comunidade acadêmica da UFSC e a maioria da população de Florianópolis nem imagine que segredos estão guardados entre as paredes dos sete prédios que compõem o Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral. Pois ali há mais de 40 mil peças, entre elas 1.707 esculturas deixadas pelo pesquisador e artista popular Franklin Cascaes, incluindo belíssimos trabalhos em cerâmica e desenhos que retratam o modo de vida, a religiosidade, as lendas, os mitos, os folgoedos e as tradições dos primeiros colonizadores da Ilha de Santa Catarina. E há mais: artefatos líticos, zoólitos de oito mil anos, esqueletos humanos encontrados em sambaquis e uma rica coleção de cerâmica marajoara que só tem similares em museus americanos.

Todo este material, embora bem guardado e acondicionado, ficou quase uma década escondido do público, porque a construção do novo pavilhão, iniciada em 2003, esbarrou na falta de recursos, impedindo que o museu mostrasse o seu acervo, recebesse exposições de outros Estados e realizasse um trabalho educativo com estudantes catarinenses. Agora, finalmente, o Pavilhão de Exposições Antropólogo Sílvio Coelho dos Santos recebe os últimos retoques para a solenidade de reabertura, marcada para o dia 24, terça-feira, às 19h, com a presença de autoridades estaduais, parlamentares, empresários e potenciais patrocinadores dos eventos que a direção da casa pretende realizar a partir do mês de maio.

"A cidade não tem outro espaço com essas proporções", ressalta a diretora da Divisão de Museologia, Cristina Castellano. E nem será fácil encontrar uma estrutura similar fora daqui, porque são 1.900 metros quadrados de área construída usando os mais modernos recursos de conforto e acabamento. A primeira exposição, marcada para o mês de maio, é "Ticuna em 2 tempos", reunindo artefatos em madeira feitos por índios amazônicos.

**Museu de referência. Salões de exposição têm, ao todo, 800 metros quadrados, o que caracteriza a instituição como um dos maiores espaços museais do Sul do Brasil**



Time enxuto. Diretora Cristina Castellano destaca a qualidade da equipe

## Das coleções indígenas a obras em papel

O projeto arquitetônico do novo prédio, que tem quatro andares, priorizou a cor branca e a claridade, ajudado por uma enorme claraboia e por amplos espaços de circulação e convivência. Os salões de exposição somam 800 metros quadrados, começando por uma área de 206 metros no térreo, destinado a exposições de curta duração.

É ali que a mostra "Ticuna em 2 tempos" poderá ser vista de 9 de maio a 31 de agosto, graças a uma parceria com o Instituto Brasil Plural e a Universidade Federal do Amazonas. São 53 peças produzidas pelos índios ticuna, com destaque para objetos ligados ao "ritual da moça nova", além de diapositivos e diários de campo

deixados pelo falecido antropólogo Sílvio Coelho dos Santos.

No segundo andar, está uma sala de 472 metros quadrados – um dos maiores espaços museológicos do Sul do país – destinada a exposições de longa duração (um a dois anos) da reserva permanente do museu. Será ali, portanto, que o público poderá ver os acervos arqueológicos dos povos antigos, as coleções indígenas e registros decorrentes dos movimentos migratórios que alcançaram Santa Catarina através dos séculos.

Uma terceira sala é destinada a acervos em suporte impresso e leva o nome de Gabinete do Papel, ao lado de um mezanino que quebra o caráter vetusto do edifício.

## Espaços projetados para todos os públicos

Além do grande pavilhão, a ser entregue nos próximos dias, o complexo museológico da UFSC conta com seis outras edificações, incluindo a antiga sede pintada de amarelo onde já funcionou a administração da instituição. O conjunto das instalações reúne as reservas técnicas, salas de pesquisa e laboratórios de etnologia indígena, arqueologia pré-colonial e histórica e cultura popular (rendas de bilro, cerâmica etc.).

No novo prédio, além das três salas de exposições, destaca-se um terraço com vista panorâmica na cobertura, onde serão realizadas atividades de teatro e música e a exibição de objetos que podem ficar expostos a intempéries. Como convém a um museu moderno e elegante, há as facilidades oferecidas por elevadores, rampas, câmeras de segurança, estacionamento e acesso a idosos, cadeirantes, cegos e surdos. "Os espaços foram projetados para serem acessíveis a todos os públicos", afirma a diretora Cristina Castellano.



Pesquisa. Ossadas localizadas em sambaquis

# Cascaes já previa a catástrofe



Laço familiar. Peça do acervo que, segundo especialistas, representaria a avó do pesquisador

## Genial. Respeitado folclorista denunciou, há cinco décadas, a ameaça ao patrimônio da Ilha

Quando a restauradora Evanilde Rohling Ghizoni abre um dos grandes armários da reserva técnica do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, aparecem, dispostas lado a lado, centenas de esculturas da coleção Profª. Elizabeth Pavan Cascaes que chamam a atenção pela grande expressividade dos personagens. Uma delas seria uma reprodução da avó do criador, o folclorista Franklin Cascaes, grande artista que registrou, riscando a carvão ou modelando o barro, aspectos da cultura nativa da Ilha de Santa Catarina. Outra peça é um menino segurando uma pandorga, ou pipa, ou papagaio – a de-

nominação depende da região onde a brincadeira é praticada. E assim vão aparecendo as figuras, uma mais impressionante que a outra.

Só a coleção de Cascaes daria um museu, porque ali, além das 1.707 esculturas, algumas comendo grupos em precisão e manifestações profanas da população, há 942 desenhos de inegável valor artístico. "No total, são 1.171, porque em algumas folhas há desenhos em frente e verso", ressalta Evanilde. E existem os manuscritos, reunidos em 124 pequenos cadernos, sem contar aqueles que o artista deixou esparsos, em folhas avulsas. Essa vertente da obra de Cascaes estará aberta à

apreciação pública no Gabinete do Papel, sala de 104 metros quadrados situada no pavilhão a ser entregue na próxima semana.

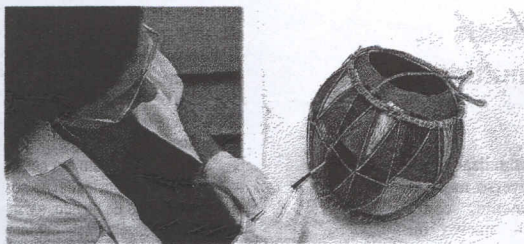
Os desenhos em papel de Franklin Cascaes ficaram anos sem ser mostrados. São temas regionais, embora contemporâneos, que já denunciavam, em plenos anos 60 e 70, a ocupação urbana desordenada e o patrimônio urbano ameaçado da Ilha. "Um acervo como esse não pode ir para qualquer tipo de espaço", diz a diretora Cristina Castellano. Na área da cultura popular, o museu guarda, ainda, vídeos de literatura oral e exemplares de engenhos de farinha e açúcar.



Raizes. Menino com pandorga mostra um hábito ilhéu

### LEGADO

Franklin Cascaes deixou centenas de esculturas, desenhos e manuscritos esparsos



Conservação. Restauradora Evanilde Ghizoni trabalha em uma peça indígena



Rara. Peça que veio da região Norte

## Coleção marajoara e as rendas de bilro

No acervo do museu, vinculado à Secretaria de Cultura e Arte da UFSC, aparece com força uma coleção de cerâmica marajoara doada pelo falecido arquiteto Tom Wildi – que, entre outras obras na cidade, foi o responsável pela grande reforma do Teatro Álvaro de Carvalho, em 1955. Um dos potes, cromado e de pintura antiquíssima, é frequentemente solicitado para compor mostras em museu de outros países e continentes.

Também chamam a atenção as ossadas recolhidas em sambaquis do litoral pelos antropólogos Anamária Beck e Silvio Coelho dos Santos, primeiro diretor da instituição enquanto museu, a

partir de 1968, a coleção de rendas de bilro do folclorista Doralécio Soares, adquirida com o apoio da Caixa Econômica Federal, e a coleção xokleng mais estruturada do Brasil. "Nosso eixo temático ilustra o espaço, o ambiente e a trajetória humana dos catarinenses", afirma Cristina Castellano.

O acervo antropológico começou a ser montado quando Oswaldo Cabral, Silvio Coelho e Walter Piazza propuseram a criação do Instituto de Antropologia, em 1965. O museu foi instalado três anos depois numa das casas da fazenda Assis Brasil, onde a UFSC começou a instalada no início dos anos 60.



Único. Singular exemplar marajoara

## Equipe enxuta e qualificada

A etapa de conclusão das obras, retomadas em 2009, custou R\$ 5 milhões em recursos, mas deixa o museu apto a receber qualquer exposição em circuito internacional. "Agora, temos um espaço em condições de sediar eventos com segurança, equipe qualificada e climatização ideal", diz Cristina Castellano. Para viabilizar as exposições futuras, a casa, dirigida pela arqueóloga Teresa Fossari, buscará o apoio da Lei Rouanet e de editais, dividindo os custos em cotas a serem assumidas por empresas de grande porte.

Para dar conta de tudo, o museu dispõe de uma enxuta equipe de 13 pessoas, incluindo antropólogos, laboratoristas, restauradores, museólogos, pesquisadores e responsáveis por serviços administrativos. Mais dois funcionários devem entrar por meio de concurso já programado pela Universidade. Mesmo assim, a diretora está otimista com os rumos da instituição. "Há uma grande demanda reprimida, o que podemos comprovar pelos telefonemas que recebemos no período em que o museu esteve fechado", afirma.

FOTOS: DÉBORA KLEMPOLSKIND



William Santos. Na hora em que decidiu ir para o Procon, ele sabia que demoraria para ser atendido. Então, preparou-se para curtir as músicas preferidas para passar o tempo esperando na fila

## Cada um no seu mundinho

**Rotina. No ônibus, no carro ou na rua, cada vez mais as pessoas usam o fone para ficarem isoladas na multidão**

GIOVANA KINDLEIN  
Especial para o *Notícias do Dia*

**FLORIANÓPOLIS** — Em uma manhã nublada de abril, a caminho da universidade, oito dos 42 passageiros no ônibus, da linha 185 da Transol (Ticen - UFSC - semidireto), usam fones de ouvido conectados a celulares, iPods e MP3.

Alheios aos sons externos, eles não se importam com o invariável trajeto de 11 quilômetros de todos os dias e se concentram nos ritmos preferidos que energizam seus ouvidos. Não estão sós, apenas em silêncio.

A individualização em um ambiente com grande concentração de pessoas é cada vez mais comum nos dias de hoje. De óculos escuros e com fones de ouvido, a acadêmica de letras/português Bárbara Rodrigues, 27 anos, não acredita

que o isolamento seja negativo. "Traz tranquilidade", diz ela ouvindo músicas do bom moço Chris Martin, vocalista/pianista da banda britânica de rock alternativo e melódico Coldplay.

Dentro do ônibus, ao lado dela, está o universitário Alex Martins, 20, da 4ª fase de designer, que normalmente passa de 45 minutos a 1 hora, a cada percurso. Com os olhos fechados e também com fones de ouvido, ele se entretém com a batida pesada da banda canadense Hap Hap.

"É uma forma de se desligar da rotina e botar um pouco de alegria na vida", afirma. Para ambos, o fato de duas pessoas estarem sentadas, lado a lado, não significa necessariamente que haveria interação social se não estivessem com fones de ouvido. O simples contato físico não garante a

interação social.

Estar individualizado no seu próprio universo musical soa, aparentemente, como algo excludente, nocivo ou de isolamento.

Ideia totalmente defenestrada pelo jornalista e professor de sociologia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Jacques Mick. "Não é condicionante o fato de um passageiro interagir com outro só por não estar usando fones de ouvido. É contraditório também dizer que aquele que está usando fones não esteja interagindo com o mundo externo", afirmou.

Mick acrescentou que "hoje, o fone de ouvido pode permitir que o indivíduo ouça rádio para se informar, serve para fazer um curso de línguas, ou ainda, entre em rede com determinado grupo, além de ouvir música".

### Comunicação ao avesso

Na semana passada, a profissional de relações públicas Lara Perdigão, 43 anos, foi para Palhoça, de ônibus, e lembra-se da dificuldade que teve para obter uma informação.

"Eu precisava saber o melhor ponto onde parar para ir a determinado lugar. A menina que viajava sentada do meu lado estava com fone de ouvido. Resolvi olhar para trás para ver se conseguia a informação. Havia duas estudantes, cada uma com um fone, ouvindo o mesmo MP5. Por fim, levantei e atravessei todo o ônibus para perguntar ao cobrador", relata.

Como especialista em comunicação na área de turismo e hospitalidade, Lara está sempre disponível para prestar informações e sentiu na carne a falta de atenção para com o próximo. "Em que época estamos?", questiona.

"As pessoas moram em coletividade, mas não vivem em coletividade. Ao nos fecharmos em nossos fones de ouvido, estacionados nas músicas que escolhemos, perdemos oportunidades de conhecer novas pessoas, conversarmos, ou dividirmos com quem está do nosso lado algo que nos incomoda ou engrandece", lamenta.



Diogo da Silva. "É preciso que o coletivo respeite o mundo de cada um"



22/04/2012

• **Homofobia** - Estão abertas, até o dia 3 de maio, as inscrições para o 4º Concurso de Cartazes sobre Homofobia, Lesbofobia e Transfobia nas Escolas. O cartaz deverá ser apresentado juntamente com a ficha de inscrição, de manhã ou à tarde, na UFSC. Informações: [www.concursonigs.paginas.ufsc.br](http://www.concursonigs.paginas.ufsc.br).

Diário Catarinense-Serviço

### Nasa

Amanhã, às 18 horas, haverá a palestra "Pesquisando na Nasa - Relatos e Perspectivas" realizada pelo professor Jonny Carlos da Silva. A palestra acontecerá no Auditório 2 do Centro de Engenharia da Mobilidade (CEM) da UFSC.

A Notícia-Joinville

Coluna do  
**Puchalski**  
 leandro.puchalski@rsonline.com.br

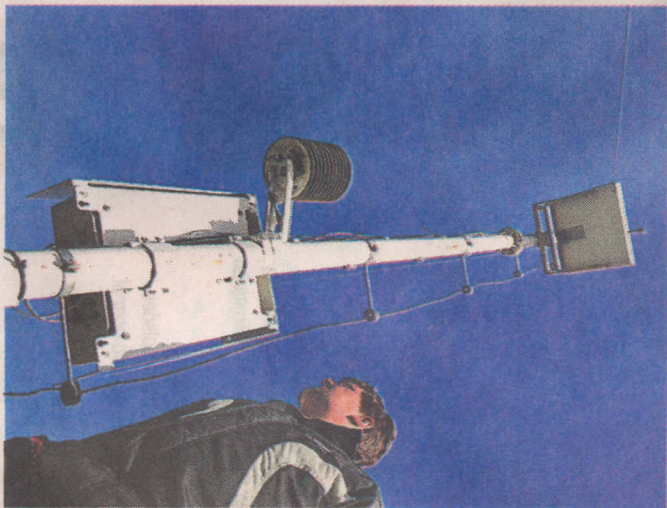


## Ferramentas da previsão

**O**lá a todos os meteoros!! Durante os últimos dias, leitores do blog e do Facebook, a Beatriz Trevisan, a Yara e o Anderson Bryhan sugeriram que eu escrevesse um pouco sobre como é feita a previsão do tempo. Sempre que alguém me faz esta sugestão gosto de usar uma analogia com a medicina. Nós, quando vamos ao médico, na primeira consulta, temos uma breve conversa relatando o que sentimos. O profissional faz rápidos e simples exames e, em muitas vezes, precisamos fazer testes mais elaborados para que o médico tenha um bom diagnóstico do que nós temos ou sentimos. Nós, meteorologistas, também temos o nosso paciente, mas apenas um, a atmosfera. O nosso trabalho é parecido porque a primeira coisa que fazemos ao chegar ao trabalho é diagnosticar como a atmosfera está. Para isto

também usamos os nossos "exames" que, entre outros, são os seguintes: imagens de satélite, amplamente divulgadas na TV, que informam o passado dos últimos 15 a 30 minutos; coleta de dados de temperatura, vento, pressão, e etc, através das estações meteorológicas espalhadas em diversas cidades de SC; as radiossondagens, que são balões soltos na atmosfera com instrumentos que vão coletar uma série de informações em diversos níveis de altitude, e as cartas meteorológicas, que são feitas para mostrar onde estão os sistemas, como frentes frias, massa de ar frio ou quente.

Tudo isso é feito pelo meteorologista quando começa o dia, ou seja, ela faz o diagnóstico do seu paciente, a atmosfera. Diante disso, passamos para "exames" mais modernos, que deram um importante avanço para melhorar cada vez mais a leitura da previsão do tempo.



AVARELIO KUROSSU

**Você sabia?**

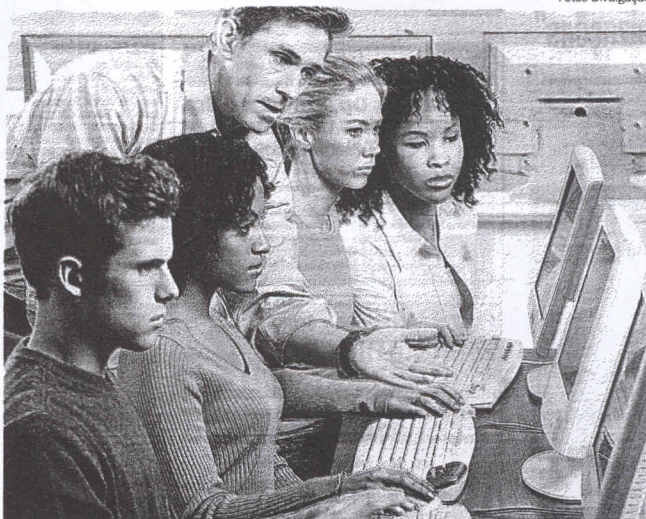
Que o responsável pela coleta de dados em estações meteorológicas no Brasil inteiro é o Instituto Nacional de Meteorologia? E que aqui em SC, a Epagri/Ciram faz essa parceria na coleta de dados? Que a UFSC está neste ano com a primeira turma de Meteorologia em SC? Que o Grupo RBS tem estações meteorológicas automáticas, em cidades de SC e do RS? [www.dlrbhs.com.br/estaoesmeteorologicas](http://www.dlrbhs.com.br/estaoesmeteorologicas)

**diario.com.br**

Mande suas perguntas e tenha mais informações sobre a previsão do tempo em [www.diario.com.br/blogopuchalski](http://www.diario.com.br/blogopuchalski)

# Aprendizado deve ser contínuo

Para os especialistas em educação profissional, a relação entre diploma na parede e a existência efetiva de competências decorrentes do mesmo, há muito deixou de existir. Hoje, é preciso desenvolver a competência de "aprender a aprender"



## Descubra as dicas que o mundo dá

Comportar-se de modo inteligente do ponto de vista emocional é essencial para que as pessoas possam obter êxitos em suas vidas pessoais e no trabalho. A afirmação é do especialista em psicologia organizacional e do trabalho, professor Narbal Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para quem, ser inteligente emocionalmente pressupõe equilibrar razão e emoção. "Isto porque, quando a razão sequestra a emoção, ficamos "burros". Ou seja, perdemos a capacidade de raciocinar. Nestas circunstâncias, corremos seríssimos riscos de cometer bobagens, tomar decisões ou fazer escolhas equivocadas", salienta.

O aprendizado pode ser entendido por toda a vida. Para isso, deve-se aproveitar as oportunidades oferecidas pela tecnologia. Esta é a opinião do guru do e-training, Elliot Masie, para quem, muito provavelmente, mais do que uma oportunidade, talvez isso já seja uma necessidade no mundo globalizado, onde o acesso à informação se tornou amplo e democrático.

De acordo com o professor Narbal Silva, especialista em psicologia organizacional e do trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o ser humano nasce com a capacidade inerente para aprender ao longo de sua vida. "Somos eternos aprendizes. Seres que se encontram em busca de uma falta que nunca se completa. Estamos sempre em processo de constante construção. Se foi o tempo em que a obtenção de um diploma universitário representava o fim do ciclo de aprendizado", observa o professor.

Para Narbal, na atualidade, a relação entre diploma na parede e a existência efetiva de competências decorrentes do mesmo, há muito deixou de existir. É preciso desenvolver a competência de "aprender a aprender" sempre, ao longo de nossas vidas. Seja na escola, na família, no trabalho ou entre amigos. Não basta ter conhecimentos, é preciso ter a capacidade de mobilizá-los, de modo a transformar a realidade da qual fazemos parte em algo melhor."

Além de tentar 'dominar' a sua inteligência emocional, no que se refere ao aprimoramento profissional, é preciso saber lidar com as atividades que fazem parte do vocabulário cotidiano de todas as pessoas nos dias de hoje para se obter resultados efetivos - especialmente se você não é uma dessas pessoas que conseguem vender, procurar trabalho, aproveitar oportunidades e coisas do gênero, com desenvoltura e facilidade. Se você é uma pessoa que não tem esse dom natural (como a maior parte dos profissionais do mercado de trabalho), então deve procurar a todo custo se aperfeiçoar.

Na opinião do especialista em coaching, Marcos Andrade, antes de iniciar um processo de aprimoramento profissional, é preciso avaliar se a mente não está fechada. "Tem muita gente por aí que foca em algum objetivo ou ideia e esquece que há um mundo dinâmico a seu redor. Pode estar havendo um problema de concentração, dispersão e até mesmo pessimismo", explica o especialista, que exemplifica o problema

da seguinte maneira: "Às vezes um profissional está concentrado demais, corre ansioso de uma informação a outra sem considerar nada em lugar algum e acaba achando que nada vai dar certo. É essencial que ele mude essa postura, parando, ouvindo e analisando, antes de tomar atitudes."

Há quatro dicas que podem ajudar o processo de aperfeiçoamento profissional:

- Deve-se ampliar o círculo de informação em volta da área de interesse. Em que você tem interesse? Crescer na carreira executiva? Montar um negócio próprio? Mudar para a área de hotelaria? Vir a dirigir uma ONG? Então, não fique só no interesse: comece a ler sobre o assunto. Quanto mais informação, mais alerta, mais capacidade de ver as oportunidades.

- Aproximar-se das pessoas geradoras de oportunidades. Não é ser interesseiro e vil, mas conviver com parceiros que têm interesses nas mesmas coisas.

- Esquecer temporariamente a palavra obstáculo e pense sempre em oportunidade. Como sugeriu Edward De Bono, o psicólogo inglês, existe a palavra Yes e a palavra No. Mas, se você ficar só nisso, sua criatividade vai se travar. Então, ele inventou uma nova palavra para ser usada sempre: Po (possible). Focalize oportunidades, possibilidades e esqueça dos problemas. Na hora certa, se aparecerem, você lida com eles.

- Aproveitar qualquer deixa que o mundo der, puxe o fio da meada: peça mais informações, pergunte, questione, crie em cima.

Esta opinião é bastante semelhante à do professor José Carlos Sardinha, do Projeto UCAM Master (Universidade Cândido Mendes), para quem aprender fazendo é uma forma moderna de se dominar conhecimentos ao colocá-los em prática, testando sua efetividade. "A filosofia do aprender fazendo é uma iniciativa cujo sistema de ensino/aprendizado proporciona aos alunos uma integração das várias matérias lecionadas em um curso, gerando como consequência uma melhor capacidade de reflexão, análise e síntese", explica.

### PROCESSO E EVOLUÇÃO

Já que a tecnologia evolui a passos largos e rápidos, para dar contribuição competitivamente adequada ao mundo do trabalho, qualquer profissional hoje deve aprender o tempo todo, o que é um processo possível e natural. A continuidade do aprendizado seria fácil e simples assim se as pessoas não fossem tão acomodadas. Como afirma o professor Hiram Gonçalves, diretor acadêmico do Centro Internacional de Estudos do Cone Sul, estudar dói, é um processo exaustivo, mas necessário. Assim, o sucesso tem um preço caro, principalmente para aqueles que acreditam que ele é passageiro.

Profissionais de sucesso, que não se atualizam, mas que resolvem seus problemas sem grandes dificuldades, correm sempre grandes riscos. Quando deixam o cargo ou têm alguma crise mais séria em suas ocupações, defrontam-se com um mercado hostil e percebem que deixaram de aprender. Na maioria das vezes, seu sucesso estava atrelado a uma imperceptível estrutura que os rodeava, gerando grande acomodação. Simplesmente montaram na sua fama e esqueceram de que é preciso crescer sempre.

O mercado condena ao esquecimento os profissionais que não se modernizam, não procuram novos conhecimentos ou novos enfoques sobre a sua forma de atuar. Hoje, o ensino continuado é uma solução de continuidade - e porque não dizer, de empregabilidade - no meio profissional. As empresas modernas estão buscando cada vez mais profissionais com maior ganho de escala de conhecimento, para que possam exercer várias funções em diversas áreas. É bom ficar atento.



• **Emprego** - Os universitários em busca de uma vaga de estágio ou trainee podem participar da feira ih!Formei, que ocorre no dia 3 de maio, na UFSC. O evento gratuito vai reunir empresas como o Grupo RBS e permitir que os estudantes cadastrem seus currículos. Informações: [www.ihformei.com.br](http://www.ihformei.com.br).

Diário Catarinense-Serviço

## Energia limpa

Além do lançamento de selo para empresas que economizam energia, o seminário Energia +Limpa, promovido pelo Instituto Ideal, vai trazer nomes internacionais. Será amanhã e quarta, no auditório da UFSC, com palestras da Bloomberg, Tractebel, Weg e outras.

Diário Catarinense-Estela Benetti

## Prêmios Nobel

Sobre os comentários do cronista Sérgio da Costa Ramos a respeito de laureados do Nobel (DC de 12/04), informo os leitores de que a exceção dos prêmios Nobel da Paz e de Literatura, nas demais áreas, o prêmio é invariavelmente concedido àqueles cujos trabalhos acadêmicos estabeleceram novos paradigmas, com notáveis desdobramentos. A razão pela qual nenhum brasileiro foi ainda contemplado é que trabalhos premiados são normalmente o resultado de continuado investimento e valorização da ciência como importante componente cultural dos países centrais. No Brasil, a ciência subsiste graças à persistente pressão da comunidade científica junto aos governos.



Sergio Colle  
Por e-mail

Diário Catarinense-Diário do Leitor

## Antropologia

A memória de um dos maiores e mais queridos pesquisadores de Santa Catarina ganhará mais força amanhã, na Universidade Federal de Santa Catarina, onde será inaugurado (19h) o Pavilhão de Exposição Antropólogo Sílvio Coelho dos Santos. Sílvio, de quem tive o privilégio de ser aluno na UFSC, foi um mestre das ciências sociais e, com certeza, um dos grandes especialistas brasileiros da questão indígena.

\*\*\*

A solenidade está marcada para o Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, outro mestre catarinense que dispensa apresentações.

Notícias do Dia-Carlos Damião

## Previdência complementar

NEWTON CESAR PILAU

O projeto de lei nº 2/2012 aprovado recentemente pelo Senado Federal busca equacionar o problema do déficit previdenciário no Brasil, fazendo com que os novos servidores públicos de cargos efetivos federais tenham um teto de cobertura no regime geral da previdência social idêntico aos trabalhadores da iniciativa privada.

Ao analisar o projeto aprovado constata-se que o mesmo cria o regime de previdência complementar para os servidores de cargos públicos efetivos dos Poderes Públicos da União, autarquias, fundações, Ministério Público da União e Tribunal de Contas da União que será constituído por fundações de natureza pública, com personalidade jurídica de direito privado, tendo sede e foro no Distrito Federal.

Para tanto serão criadas a Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Judiciário, do Servidor Público

Federal do Poder Legislativo e do Servidor Público Federal do Poder Executivo, com dotação orçamentária da União para sua estruturação.

Com esta decisão o governo federal pretende atribuir solução permanente para a questão previdenciária brasileira.

No que se refere aos servidores atuais, não há qualquer preocupação com o advento da lei, estando assegurado seu direito adquirido. De outro modo, os novos servidores que terão obrigatoriedade de participação no novo regime criado serão àqueles que ingressarem no serviço público federal a partir da data da criação das fundações citadas.

Espera-se que esta nova norma jurídica que está por vir contemple o equilíbrio da previdência social e revele uma atuação competente das novas fundações que deverão valorizar e respeitar os novos servidores federais que, obrigatoriamente, depositarão ali os destinos de suas aposentadorias.

Professor Universitário e Advogado

Diário Catarinense-Opinião

# Um museu de grandes novidades

Após 10 anos de luta por recursos, espaço da UFSC será aberto amanhã e terá padrão internacional de conservação e segurança

Santa Catarina ganha um novo espaço museológico de qualidade e dimensões inigualáveis no Sul do Brasil. Em uma área de 1,9 mil metros quadrados, o novo Museu da UFSC terá quatro andares, acessibilidade, ambientes climatizados, dois mezaninos, café, laboratório de restauração e três salas de exposição. A universidade investiu R\$ 5 milhões em recursos próprios para que o Estado esteja apto a abrigar diferentes mostras.

## Serviço

- **O quê:** abertura do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral e inauguração do Pavilhão Silvío Coelho dos Santos
- **Quando:** amanhã, às 19h
- **Onde:** Campus Universitário, Bairro Trindade, na Capital

ratório de restauração e salas programáticas educativas e culturais também ganharão novos espaços. Na entrada do prédio, está previsto um café e, no segundo andar, uma sala de estar.

## Terraço para receber obras ao ar livre

— Em termos comparativos, não existe no Sul do Brasil uma estrutura museológica dessa magnitude. Santa Catarina contará com espaço ímpar — diz o reitor Alvaro Prata.

Assinado pela equipe do Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia da UFSC, os salões de exposição somam 800m<sup>2</sup>, divididos em três espaços: o térreo, para montagem de mostras de curta duração, o segundo andar, para exposições de longa duração, e um terceiro no segundo mezanino, que abrigará em breve a coleção de desenhos de Franklin Cascaes. Há ainda um terraço projetado para expor materiais que podem ser submetidos a intempéries, como esculturas, e receber eventos como concertos e apresentações de dança.

Depois de 10 anos de lutas por recursos para finalizar a construção do prédio com um padrão internacional de conservação e segurança, amanhã, às 19h, o reitor Alvaro Prata inaugura o Pavilhão de Exposições Antropólogo Silvío Coelho dos Santos, e a Secretaria de Cultura e Arte da UFSC reabre ao público as portas do museu. Fundado em 1968 pelo professor Oswaldo Cabral, agora o espaço

passa a se chamar Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE).

A antiga sede acomodará apenas a

administração. A moderna construção está equipada com três salas de exposições em condições ideais de climatização e um eficiente sistema de segurança com o monitoramento. Na nova área, erguem-se quatro pisos, incluindo dois andares, dois mezaninos e um terraço com vista panorâmica.

A obra se diferencia pelas dimensões e, também, pelas condições de acessibilidade e deslocamento de acervos. Há elevadores para todos os andares, áreas de circulação climatizadas, amplos corredores e escadarias, rampas, estacionamento, facilidades de acesso aos espaços expositivos para cadeirantes, cegos e surdos.

As atividades de apoio, como o labo-



UFSC investiu R\$ 5 milhões em recursos próprios no projeto do museu

## DEMOROU

### Museu da UFSC reabre

Depois de 10 anos fechado, espaço será reaberto amanhã e contará com padrão internacional de segurança e de conservação.

Página 30

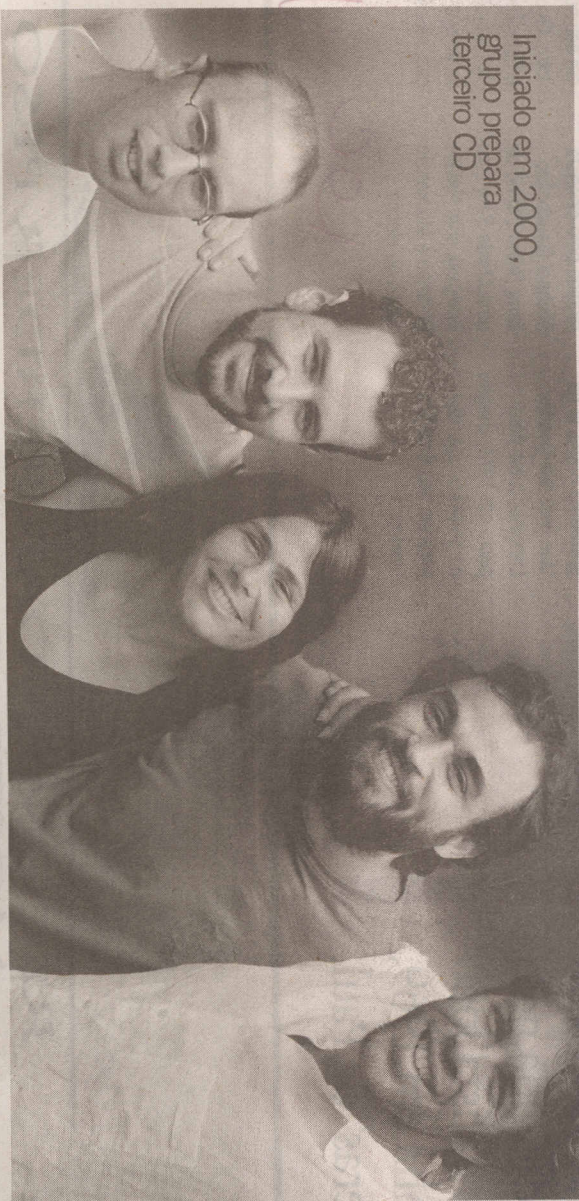
| Show |

# Cravo às 12h30min

■ Banda toca música brasileira na Concha Acústica da UFSC na quarta-feira

O Cravo-da-Terra tem na pesquisa da música tradicional do Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil a base de suas composições e de seus arranjos. Seus cinco integrantes utilizam instrumentos de sopro, corda e percussão e, em busca da simplicidade e da singeleza, convidam o público para uma viagem pela música brasileira. A pesquisa é fonte de inspiração e partida, mas a viagem que se aprecia durante a viagem é contemporânea.

**I**niciado em 2000, o grupo – formado por Ivo Luna (vocal, flauta transversal, percussão), Mateus Costa (vocal, contrabaixo acústico), Osvaldo Pomar (percussão) e Pedro Curry (vocal, violão) – tornou-se conhecido e respeitado por sua particularidade sonora, assim como pela poesia destilada em suas canções. O começo de sua história, acontecido em bares e cafés da cidade de Florianópolis, rendeu arranjos preciosos para clássicos da MPB. No ano de 2001, o grupo desenvolveu uma pesquisa com compositores da cidade. Desta pesquisa surgiu um repertório com 14 músicas, apresen-



Iniciado em 2000, grupo prepara terceiro CD

tado em auditórios, teatros e bares da cidade. Foi a partir de 2002 que o grupo começou a dedicar-se às suas próprias composições.

O primeiro CD do Cravo-da-Terra foi sendo construído sem pressa: cinco anos foi o tempo que separou a formação do grupo e o lançamento do disco. Durante esse tempo, o grupo realizou pesquisas, ensaiou li-mites e alcançou uma maneira mu-

to particular de fazer música. Neste primeiro disco, distribuído nacionalmente pela Itatone, estão registradas 14 músicas, entre instrumentais e canções compostas e arranjadas pelo grupo, que passavam muito perto da música tradicional brasileira sem, porém, residir nela. O ano de 2007 foi de gestação do segundo CD – intitulado *Infinito Som*, lançado em junho de 2008 –, do reconhecimento pelo

Prêmio Catavento de melhor cantora concedido à Ivo Luna pela Rádio Cultura AM, e da seleção no Programa Rumos do Itaú Cultural.

No ano passado, o grupo começou a preparar seu terceiro CD, intitulado *Verde Longe*, que terá uma sonoridade mais preenchida, usando recursos de estúdio, com as participações do Gira-Coro e do músico maranhense Tião Carvalho.

## ■ Agende-se

O quê: show da banda Cravo-da-Terra

Onde: Projeto 12:30 na Concha Acústica da UFSC, Praça da Cidadania, Campus Universitário, Florianópolis

Quando: quarta-feira, às 12h30min  
Quanto: gratuito

DIVULGAÇÃO

Em cena. André Felipe na peça "Medo de morrer longe de ti", da Dearaquecia

Plural



EDITORA: PATRÍCIA PERON  
 plural@noticiasdodia.com.br  
 @peron\_ND

## Notícias do Dia

FLORIANÓPOLIS, SEGUNDA-FEIRA, 23/4/2012

BRUNO ROBERTO/DIVULGAÇÃO

# Jovem e promissor TALENTO

**UFSC. Com dois pseudônimos, André Felipe Costa ganha dois prêmios de concurso da editora**

CAROLINA MOURA  
 carolina.moura@noticiasdodia.com.br  
 @carolnfm\_ND

FLORIANÓPOLIS — Ao abrir o envelope que revelava as identidades dos dois vencedores do Concurso Rogério Sganzerla, da Editora da UFSC, o júri e o público tiveram uma surpresa: os pseudônimos Ariosto Montanha e Moreno Auc eram do mesmo autor, André Felipe Costa Silva, de 25 anos. Antes da revelação, os jurados explicaram que devido à qualidade superior de dois trabalhos na área de teatro, ambos foram contemplados com o prêmio — em vez de uma peça e um roteiro para cinema, como era previsto. Ambos os textos serão publicados pela Editora da UFSC.

André Felipe, que não estava presente no momento, também foi surpreendido com a notícia no dia

seguinte. As peças premiadas "Suéter laranja em dia de luto" e "Não sempre" foram escritas pelo autor em 2010 e 2011 respectivamente, e são suas primeiras experiências completas em dramaturgia — ele já trabalhou com adaptação e tem outros trabalhos começados. Formado em Artes Cênicas pela Udesc, ele cursa agora mestrado em dramaturgia em Buenos Aires. Para "Suéter laranja em dia de luto", o dramaturgo partiu de uma imagem de quatro velhinhos dentro de um armário segurando uma torta de aniversário, esperando uma festa surpresa. "O jogo dramático é bastante cômico, mas aparece algo da memória desses velhinhos, e a relação deles com a aniversariante, que revela algo trágico da vida deles", diz o autor.

Diferente do primeiro, que tem uma dramaturgia mais clássica, baseada em diálogos, "Não

sempre" tem maior complexidade narrativa e poética. André Felipe buscou inspiração no conto "Noites Brancas", de Dostoievsky, no qual um personagem fala sobre uma desilusão amorosa no cenário branco e frio da Rússia. "O resultado acabou saindo um texto bastante estranho, propositalmente, com bastante narração e linguagem poética, trabalhando com o ritmo", explica ele.

"Como são minhas primeiras experiências, estou experimentando um pouco, procurando a minha poética", diz André Felipe. É essa disparidade entre os textos que fez o júri acreditar que se tratavam de dois autores diferentes, e que atesta para o potencial do jovem dramaturgo.

Mudança na seleção. Qualidade das peças levou à escolha dos dois trabalhos na mesma área, em vez de serem contempladas uma obra de teatro e um roteiro para cinema



Dramaturgia. André diz que ainda procura sua poética

MARINA QUINTANA/DIVULGAÇÃO

### Busca por trabalhos inéditos

O concurso Rogério Sganzerla faz parte da proposta que a Editora da UFSC traz desde 2008, e pretende buscar novas obras e escritores para integrar seu catálogo. "Essa área tanto de roteiro quanto de dramaturgia é complicada no Brasil inteiro, e em Santa Catarina mais ainda. A gente achava que era nosso papel e era o momento de incentivar essa área", diz o diretor executivo da editora, Sérgio Medeiros.

Para ele, o júri fez uma escolha acertada ao selecionar os dois melhores textos entre os 15 inscritos, independente do gênero. "André é uma pessoa atuante já na cena de teatro, e conhecendo seu perfil a gente percebe que está investido realmente na carreira de dramaturgo", considera. "Acho que isso prova o acerto de publicar os novos autores através de concurso, assim você consegue pinçar os melhores e evidenciá-los".

O primeiro concurso, de contos, não teve premiados. O segundo, o concurso Salim Miguel, de romance, publicou "Ao que minha vida veio", de Alckmar dos Santos. A editora agora estuda o lançamento de um novo concurso até o fim deste ano, possivelmente de crônica ou poesia.

# ARTE E GUERRA

## O conflito do Contestado em traços, tintas e pincéis

Equipe prepara um documentário sobre essa parte importante da história de SC através das obras de artistas catarinenses

ÂNGELA BASTOS

Florianópolis entrou no mapa do Contestado. No ano que marca os 100 anos da guerra que no século passado sacudiu o sertão catarinense, a Capital serviu de palco no final de semana para a gravação de um documentário que tem como foco a arte e os artistas que, através de suas obras, retratam o conflito.

Na Fundação Hassis, a poucos metros da Praia do Itaguaçu, lado Continental de Florianópolis, a equipe formada pelos professores Delmir José Valentini, Rita Petrykoski Peixe e o diretor de fotografia Beto Acunha, começou a recolher imagens e entrevistou Leila Correia Vieira, uma das duas filhas do artista Hassis, falecido há 10 anos.

Com a técnica de nanquim e bico de pena, Hassis deixou 78 desenhos, além de um painel em madeira e acrílico. Um outro encontra-se no Museu Histórico e Antropológico do Contestado, em Caçador. Uma parte da plotagem da obra, disponível no chamado Mundo Encantado de Hassis foi feita à pedido do ex-governador de SC Esperidião Amin e levada para um dos salões do Senado Federal, em Brasília, em alusão ao centenário do conflito.

— Esta obra vem dos anos 1980, quando não se falava quase nada sobre o Contestado — observou a filha.

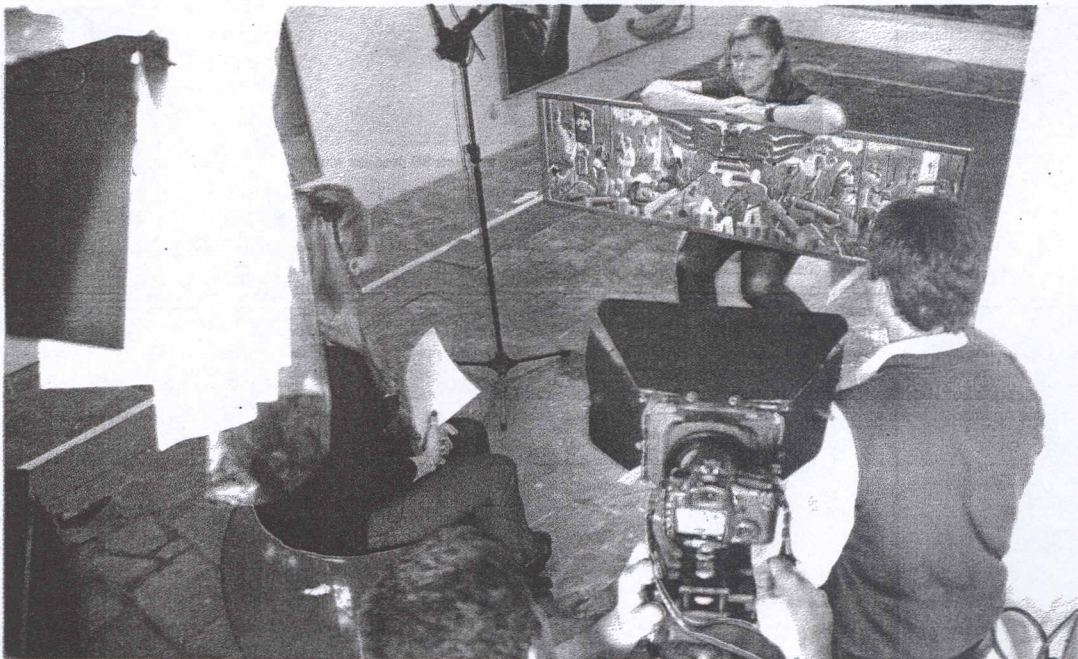
Para Rita Peixe, professora de artes da Univille e da Unoesc, doutoranda da UFRGS com trabalho de artes visuais sobre o Contestado e membro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc), o artista conseguiu, além do valor histórico da guerra, mostrar através de sua plasticidade os sentimentos que marcaram os personagens da época:

— Muitas cenas trazem mulheres com crianças no colo e pela mão em cenas de combate ou mesmo nos redutos.

### Todo o material será disponibilizado em DVD

Ontem, a equipe esteve em Tubarão, no Museu Raymundo Zumblick. Conforme os curadores, o artista teria pintado 11 telas sobre o Contestado. Uma estaria desaparecida. Caçador e Concórdia também serão visitados pela equipe e todo o material será passado para um DVD que será distribuído nas escolas, universidades e centros culturais de SC.

angela.bastos@diario.com.br



Na Fundação Hassis, na Capital, a filha do artista Leila Correia Vieira foi entrevistada e mostrou uma das obras feitas pelo pai sobre a guerra

### Saiba mais

#### Motivos da guerra

Entre 1912 e 1916, o sertão catarinense foi palco de um episódio chamado Guerra do Contestado. Para muitos autores, esse foi o maior conflito social brasileiro superando Canudos (entre 1896 e 1897 no interior da Bahia) em extensão, combates, mortos e gastos. Houve a participação de um terço do Exército republicano, a utilização de armamento pesado e, pela primeira vez, o uso da aviação militar em operações de guerra.

#### Território

Regiões do Meio-Oeste e Planalto de SC e a divisa com o PR. Dados apontam que cerca de 20 mil camponeses enfrentaram forças militares dos poderes federal e estadual. Ganhou o nome de Guerra do Contestado porque os conflitos ocorreram numa área de disputa territorial entre os estados do Paraná e Santa Catarina.

#### Ferrovia

A estrada de ferro São Paulo—Rio Grande do Sul estava sendo construída por uma empresa norte-americana, com apoio de grandes proprietários rurais com força política. Para a construção da estrada de ferro, milhares de famílias de camponeses

perderam suas terras, o que gerou muito desemprego entre os camponeses, que ficaram sem terras para trabalhar.

#### Madeireira

Outro motivo da revolta foi a compra de uma área da região por de um grupo de pessoas ligadas à empresa construtora da estrada de ferro, adquirida para o estabelecimento de uma grande empresa madeireira, voltada para a exportação. Muitas famílias foram desalojadas de suas terras.

#### Social

Quando a estrada de ferro ficou pronta, muitos trabalhadores que atuaram em sua construção tinham sido trazidos de diversas partes do Brasil e ficaram desempregados. Eles permaneceram na região sem qualquer apoio por parte da empresa norte-americana ou do governo.

#### O documentário

**Pesquisa e roteiro:** Rita Peixe e Delmir José Valentini  
**Direção de imagem:** Beto Acunha da Cinec Video Produtora  
**Financiamento:** Fapesc  
**Previsão de lançamento:** outubro

### HQ para popularizar o fato

Neste final de semana, em Florianópolis, também houve filmagens com Eleutério Nicolau da Conceição, professor aposentado da Universidade de Santa Catarina (UFSC) e que usa a arte da história em quadrinhos para retratar o conflito. Autor de diferentes obras, Tero, como é conhecido, tem dois volumes relacionados à Guerra do Contestado:

— Sinto que a linguagem da HQ é capaz de popularizar a história. Tenho visto que essa técnica aproxima o público, que ainda sabe pouco sobre o fato.

O primeiro volume aborda as causas da guerra, relacionadas com a construção da estrada de ferro, ligando União da Vitória, na fronteira do Paraná, com Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul, e a expulsão dos caboclos que viviam nas terras cruzadas pela ferrovia.

A obra descreve, também, a influência dos monges João Maria e José Maria no imaginário religioso do povo e o reflexo da organização na longa controvérsia pelo estabele-

cimento de limites entre os estados do PR e SC.

O ponto central deste primeiro livro é o combate ocorrido em Irani, em 22 de outubro de 1912, no qual pereceram seis caboclos, o monge José Maria, 20 soldados da Força Pública paranaense e seu comandante, coronel João Gualberto Gomes de Sá.

O segundo volume trata dos acampamentos rebeldes, o surto de banditismo que tomou conta da região e os inúmeros confrontos entre caboclos e soldados, resultando com a intervenção do Exército Nacional para o fim do conflito. Agora, o artista trabalha na junção dos dois volumes. O projeto foi aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura e Tero busca empresas interessadas no patrocínio. Serão 160 páginas aquareladas.

Delmir José Valentini, doutor em História do Brasil pela PUC de Porto Alegre, pesquisador do tema Contestado e professor na Universidade Federal Fronteira Sul, sugeriu que o terceiro volume possa ser lançado junto com o documentário em outubro.





NOTÍCIAS | TURISMO | CIDADES | PRAIAS | MAPAS | TEMPO | DIVERSÃO | VÍDEOS | RÁDIO | ESPORTES | FOTOS

CURSOS | CLASSIFICADOS | EMPRESAS | SITES | BLOGS

COMERCIAL | CONTATOS



1

Florianópolis, 19 de Abril de 2012

Busca

## NOTÍCIAS

CLIQUE AQUI E CONHEÇA A RÁDIO CAFFÉ

Publicado em 17/04/2012 às 18:34:37

### Florianópolis irá ganhar museu de padrão internacional na UFSC

Três grandes salas de exposição com controle de temperatura e umidade, acessibilidade, terraço, laboratório, café, salas para atividades educativas e conferências. O novo prédio do Museu da UFSC será inaugurado no próximo dia 24.

Secarte/UFSC



Santa Catarina ganha neste mês um novo espaço museológico de qualidade e dimensões inigualáveis no Sul do Brasil. Depois de 10 anos de lutas por recursos para finalizar a construção do prédio com um padrão internacional de conservação e segurança, a Secretaria de Cultura e Arte da Universidade Federal de Santa Catarina reabre ao público as portas do museu com uma nova e potente estrutura. No dia 24 de abril, às 19 horas, o reitor Álvaro Prata inaugura o Pavilhão de Exposições Antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, um prédio de quatro andares, sendo dois mezaninos, com 1.900 m<sup>2</sup> de área, no qual a UFSC investiu R\$ 5 milhões em recursos próprios para que o Estado esteja apto a abrigar diferentes exposições tanto do acervo institucional quanto de mostras itinerantes.

Com o novo prédio, o Museu Universitário, fundado em 1968 pelo Prof. Oswaldo Cabral, ganha identidade própria e passa agora a se chamar Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE). Em uma construção datada dos anos 40, uma das primeiras da antiga Fazenda Assis Brasil, onde a UFSC se instalou na década de 60, os pioneiros historiadores Cabral, Sílvio Coelho dos Santos e Walter Piazza iniciaram os trabalhos do museu. Agora, a antiga sede acomodará apenas a administração. O acervo, composto por objetos etnográficos produzidos por grupos indígenas e descendentes de migrantes, além da obra de Cascaes, que não podia ser exposta ao público por falta de espaços com condições de conservação, migrará para o novo prédio. A moderna construção está equipada com três grandes salas de exposições em condições ideais de climatização e um eficiente sistema de segurança com o monitoramento de seus espaços.

Na área construída, erguem-se quatro pisos, incluindo dois grandes andares, dois mezaninos e um amplo terraço com vista panorâmica na cobertura. A obra se diferencia pelas dimensões e também pelas condições de acessibilidade e deslocamento de acervos previstas na estrutura: há elevadores para todos os andares, áreas de circulação climatizadas, com amplos corredores e escadarias, rampas, estacionamento, facilidades de acesso aos espaços expositivos para cadeirantes, cegos e surdos.

A acessibilidade beneficia pessoas com diversos tipos de necessidades especiais e também o deslocamento dos acervos, que não precisarão circular pelo ambiente externo graças à integração arquitetônica entre a reserva técnica e os espaços de exibição e, ainda, entre o antigo prédio do museu e o atual. Destaca-se ainda uma estrutura diferenciada de apoio e incremento às atividades do museu, como o laboratório de restauração e salas para o desenvolvimento de programas educativos e culturais, como visitas mediadas, contação de histórias, oficinas de arte-educação e palestras, entre outras atividades. Na entrada do prédio, está previsto o funcionamento de um café e, no segundo andar, uma sala de estar para os visitantes. "Em termos comparativos, não existe no sul do Brasil uma estrutura museológica dessa magnitude. Santa Catarina contará com espaço ímpar", diz orgulhoso o reitor Álvaro Prata.

#### TRÊS GRANDES SALAS DE EXPOSIÇÃO

Assinado pela equipe do Departamento de Projetos de Arquitetura e Engenharia da UFSC, o projeto arquitetônico visou uma construção elegante e neutra, em forma de paralelepípedo. Predominam o branco e a claridade nos amplos espaços de circulação e corredores, a fim de concentrar o olhar do visitante nas exposições e na experiência sensorial da visita. Os salões de exposição totalizam 800 m<sup>2</sup> divididos em três espaços distintos, dotados, como todos os espaços do museu, de condições de temperatura e umidade adaptadas ao tipo de objeto a ser exposto. Todos os espaços expositivos receberam um sistema de iluminação adequado, piso em relevo para o uso de luminárias móveis e paredes internas em vidro jateado.

O primeiro deles, no térreo, com 206 m<sup>2</sup> possibilita a montagem de mostras de curta duração. No dia 9 de maio o novo pavilhão já dirá a que veio com a abertura da exposição "Ticuna em dois tempos", que até novembro vai expor duas coleções de artefatos indígenas dos Ticuna, do norte do País. Uma delas, sob a guarda do MARQUE, foi recolhida na década de 1960 por Sílvio Coelho dos Santos na região dos Ticuna, no alto Solimões, Amazonas. A outra coleção foi reunida na década de 1970 por Jair Jacmont, na cidade de Manaus e hoje se encontra no Museu Amazônico, da UFAM. Destacam-se a presença de objetos ligados ao "ritual da moça nova", além de registros feitos pelo antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, que incluem diapositivos e diários de campo. A exposição é um projeto desenvolvido a partir da Rede de Museus do Instituto Brasil Plural - IBP.

No segundo andar localiza-se um dos maiores espaços museológicos do País: uma sala de 472 m<sup>2</sup>, destinada a exposições de longa duração. Foi projetado para as exposições de acervo sob a guarda da instituição, no que se incluem os objetos arqueológicos, as coleções indígenas e das populações migradas para Santa Catarina a partir do período colonial, conforme explica a museóloga Viviane Wermelinger. "Com essa obra o museu Marque será uma referência na América do Sul porque poderá dar visibilidade ao seu importante acervo relativo às populações indígenas Caingang,

**caffe radio**

SUA RÁDIO COM MUITO BOM GOSTO!  
www.radiocaffe.com.br

MELHORE SUA FORMAÇÃO

AUMENTE AS CHANCES DE ENCONTRAR EMPREGO

clique aqui

LAGOA DA CONCEIÇÃO

CONFRARIA CHOPP da ILHA

FLORIANÓPOLIS - SC

8 anos

Av. Afonso Delambert Neto, 671  
Lagoa da Conceição - Florianópolis  
Telefone (48) 3334-3696

PASSAGENS

Florianópolis

A PARTIR DE R\$ 55

decolar.com

Xocling e Guarani", acentua a secretária de Cultura e Arte, Maria de Lourdes Borges.

Há, ainda, uma terceira e elegante sala de exposição com 104 m2 no segundo mezanino, denominada Gabinete de Papel, que abrigará em breve a coleção de desenhos de Franklin Cascaes. O terraço é um capítulo à parte, pela vista da bela paisagem e pelas possibilidades que oferece de exploração para eventos culturais. Foi planejado para realizar exposições de materiais que podem ser submetidos a intempéries, como esculturas e grandes objetos não perecíveis e, ainda, para realizar concertos, apresentações de dança, lançamentos de livro, entre outros eventos.

A equipe do Museu, dirigida por Teresa Fossari, está criando um plano para o uso dos espaços museológicos temporários. Está previsto o lançamento, ainda em 2012, de um edital para exposições de curta duração. A Divisão de Museologia também elaborou e aprovou projetos para editais de fomento à área museológica, além de desenvolver ações como ciclos de palestras, pesquisas, oficinas, cursos. "Essa obra vai permitir que o museu cumpra, em sua plenitude, seu papel social e cultural, realizando ações voltadas à comunidade, à representação de sua identidade e à documentação da sua memória", explica a diretora da Divisão de Museologia Cristina Castellano.

Sem financiamento extra ou recursos externos, contando apenas com o orçamento da UFSC junto ao MEC, a obra levou uma década para ser conduzida, tempo em que o Museu ficou sem espaço expositivo, voltando-se para o desenvolvimento de pesquisas, qualificação dos espaços de reserva técnica e atendimento de pesquisadores externos. O projeto inicial, assinado pelo arquiteto Antônio Carlos Silva, foi sendo modificado e adaptado às transformações no próprio conceito de museu pelo arquiteto Roberto Toner, também da UFSC. A diretora Fossari está convidando para a solenidade de inauguração instituições de fomento à cultura e empresários que poderão vislumbrar o potencial da instituição e constituir parcerias com a universidade buscando equipá-la e permitir seu pleno funcionamento.

#### HISTÓRIA COMEÇOU EM UMA FAZENDA

O marco inicial do Museu da UFSC se confunde com a prática pedagógica da antropologia em Santa Catarina. Foi a partir da criação da Faculdade de Filosofia, em 1951, que a Antropologia começou a ser ensinada no estado. Mais tarde, em 1964, os professores Oswaldo Rodrigues Cabral, Sílvio Coelho dos Santos e Walter Piazza propuseram a criação de um Instituto de Antropologia, que viria a ser inaugurado em 29 de maio de 1968, com sede no campus da UFSC. Além do diretor Oswaldo Cabral, a instituição contava inicialmente com os professores Sílvio Coelho dos Santos, Anamaria Beck e Edson Araújo. Motivados pela diversidade étnica de Santa Catarina, os primeiros projetos de pesquisa da equipe focaram as populações indígenas e pré-coloniais do sul do Brasil.

#### SERVICO:

Reabertura do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral e inauguração do Pavilhão Sílvio Coelho dos Santos  
Data: 24 de abril, às 19 horas  
Local: Campus Universitário, próximo ao Colégio de Aplicação

Tweet 4

3

#### Links patrocinados

**Voo Florianópolis: R\$ 55** [Decolar.com.br/Florianopolis](http://Decolar.com.br/Florianopolis)  
Passagem para Florianópolis Aqui O Menor Preço Garantido. Aproveite

**Limpa Fossa Floripa** [www.desentupidoradesterra.com.br](http://www.desentupidoradesterra.com.br)  
Fossa, Caixa de Gordura e etc. (48) 3047.4020 - 9139.5978 24h

**1º LEED em Santa Catarina** [www.cidadepedrabranca.com.br](http://www.cidadepedrabranca.com.br)  
Escritório Sustentável Saiba Mais em Nosso ChatOnline!

**TAM - Ofertas** [www.tam.com.br](http://www.tam.com.br)  
A Melhor Tarifa Todos os Dias! Compre passagens direto da TAM.

Anúncios Google

72 comentários

Comentar



Fabiana Mazotine

Pai amado!

Responder · 9 · Curtir · Seguir publicação · 9 de Janeiro às 12:14



Rodrigo Marques · Assinar · University of Wolverhampton

parabens (2)

Responder · 9 · Curtir · Seguir publicação · 9 de Janeiro às 20:23



Palôma Cunradi · Assinar · Trabalha na empresa SENAI Blumenau

muuito caro

Responder · 1 · Curtir · 31 de Março às 19:35

Ver mais 70

Plug-in social do Facebook

Sites a partir  
de R\$ 499,00



Ligue (48) 8829-7345

.wisemedia



Essência de Iris